



A conquista das mulheres do Muro das Lamentações

The Conquest of the Women of the Wailing Wall

Bruna Krimberg Von Mühlen*

Marlene Neves Strey**

Resumo: Este artigo surgiu a partir da polêmica das mulheres judias que lutavam pelo direito de rezar no Muro das Lamentações ou Muro Ocidental, o Kotel HaMaaravi, um direito até então reservado apenas para os homens. Esse direito recentemente foi conquistado por elas. No entanto, muitos judeus de orientação religiosa ortodoxa são contra. Assim, o objetivo deste texto foi investigar os argumentos contra e a favor para desse direito. Foram levantados argumentos contrários fundamentados em crenças dos judeus ortodoxos; e argumentos favoráveis, ancorados em crenças de judeus não ortodoxos. Como conclusão, foi encontrado que os fundamentos ortodoxos são decorrentes de costume e tradição, e não especificamente numa lei.

Palavras-chave: Mulher. Religião. Judaísmo.

Abstract: This essay theme emerged from the controversy of Jewish women who fought for the right to pray at the Wailing Wall, a right hitherto reserved for men only. This right was recently conquered by them. However many Orthodox Jews are against. Thus, the objective of this theme was to investigate the arguments for and against women have this right. Arguments have been raised against this right of women, based on beliefs of Orthodox Jews, and arguments in favor of women, based on the beliefs of non-Orthodox Jews. In conclusion, it was found that the orthodox foundations derive from custom and tradition, not a law.

Keywords: Women. Religion. Judaism.

Houve 5 judeus que mudaram a forma de ver o Mundo: Moisés, quando disse: "a Lei é TUDO"; Jesus, quando disse: "o Amor é TUDO"; Marx, quando disse: "o Capital é TUDO"; Freud, quando disse: "O Sexo é TUDO"; Depois, veio Einstein e colocou



TUDO em causa, quando disse: "TUDO é relativo.

No dia 11 de abril de 2013, duzentas mulheres rezavam em Jerusalém no Muro das Lamentações – considerado o lugar mais sagrado para o judaísmo, sendo o que restou do Segundo Templo destruído pelos romanos no ano 70 e lhe atribuíram uma promessa feita por Deus, segundo a qual sempre ficaria de pé uma parte do templo como símbolo da sua aliança perpétua com os judeus. Cinco feministas judias usavam *talits*, espécie de manta com orações, reservadas aos homens segundo os ortodoxos. Por isso, essas cinco mulheres foram presas. Assim como essas mulheres, muitas outras feministas judias da ONG "Mulheres do Muro" desafiam os ortodoxos e ali rezam (KRESCH, 2013). As judias feministas lutam por igualdade no judaísmo de maneira geral.

No dia 10 de junho de 2013, judias feministas conquistaram seu direito e quatrocentas ativistas rezaram pela primeira vez livremente, sob proteção policial no Muro das Lamentações. Por mais de 20 anos, estas ativistas pediram às autoridades que pudessem rezar nesse lugar em voz alta, vestindo o xale de oração, *tefilins* (caixas que se colocam no corpo para rezar, pois contém trechos bíblicos), a *kipá* (espécie de chapéu para lembrar que Deus está acima de nós), e lendo a *Tora* (o conjunto de todas as leis e tradições judaicas), uma maneira de orar tradicionalmente reservada aos homens. Até agora, as mulheres podiam orar ao pé do Muro, mas em estrito silêncio e afastadas dos homens. Se não respeitassem isso, corriam o risco de serem detidas pela polícia ou incomodadas por ultraortodoxos. Em maio de 2013, um tribunal decidiu que o comportamento desse grupo de mulheres não provoca nenhuma desordem, razão pela qual não existe justificativa para detê-las ou interrogá-las, como vinha ocorrendo nos últimos meses. O tribunal decidiu, então, que as "Mulheres do Muro" poderão rezar no local sagrado de acordo com seus rituais (*France Presse*, 2013).

Devido a essa recente polêmica, defenderei, por intermédio de ideias de judeus reformistas e muitos conservadores, que os ortodoxos, principalmente os ultraortodoxos, não estão certos em defender que as mulheres não têm direito de rezar no Muro, bem como retirar outros direitos das mulheres.

A injustiça, nesse caso, é evidente, já que o espaço reservado às mulheres para rezar naquele espaço é extremamente menor que o reservado aos homens. Como se não bastasse, elas só podem rezar uma vez por mês em voz alta, enquanto os homens podem todos os dias. A justificativa para esse fato não é religiosa, mas de cunho tradicional, pois os judeus ortodoxos acreditam que as



vozes de mulheres podem causar desconcentração e atrapalhar na reza. Para os reformistas e muitos judeus conservadores, na hora de rezar eles se concentram e não prestam atenção nas mulheres.

Para defender, o que acredito que seja direito das mulheres, farei uma reflexão sobre as ideologias de cada uma das três correntes judaicas (ortodoxa, reformista e conservadora) focando na mulher judia.

A princípio, era considerado judeu aquele que se apegava à tradição de que seus antepassados tinham testemunhado uma revelação que mudara a maneira de eles entenderem o mundo e lidar com ele. Tinham um relatório escrito, a Torá, isto é, as tábuas da Lei, preservado até o mínimo detalhe, bem como uma vasta tradição oral que explicava aquele documento escrito que Moisés recebeu de Deus no Monte Sinai. Esse é o alicerce do judaísmo, por três mil anos, a revelação e suas implicações.

Sempre houve pessoas que questionavam a autoridade da tradição oral e dos rabinos que tomavam decisões baseados na tradição da Torá. Mas, até aproximadamente 1870, não havia diferentes correntes do judaísmo, todos eram o que hoje se conhece como ortodoxos. Isso é, judeus que aceitavam integralmente as leis judaicas provenientes das tábuas da lei, entendendo que elas não são passíveis de modificação, afinal se esta é a base do judaísmo, faz sentido não se desviarem do que está escrito para se adaptar. Até hoje, muitos se recusam a ser rotulados como ortodoxos, preferindo descrever-se como "observantes de Torá".

Os judeus ortodoxos entendem que os 613 "mandamentos" contidos na Torá são obrigatórios para todos os judeus, afinal a Torá foi revelada diretamente por Deus; em decorrência disso, as suas leis são divinas e devem ser obedecidas. Assim, os ortodoxos são os mais tradicionais entre todos os grupos judaicos.

São os ortodoxos que são contra as mulheres rezarem no Muro pois, segundo muitos ortodoxos, existia separação no Segundo Templo entre homens e mulheres, o que seria uma exigência bíblica. Outros ortodoxos dizem que foi na Idade Média que se desenvolveu a questão da separação de homens e mulheres na sinagoga. Um texto que apoia essa posição afirma que "um homem não deve estar de pé entre as mulheres e rezar, devido ao temperamento feminino" (GOLDBERG, 2004). Nessa época, separava-se homens de mulheres em muitos aspectos da vida, assim como na sinagoga, com a justificativa de que as mulheres distrairiam os homens durante as rezas, o que os ultraortodoxos usam de argumento para proibir mulheres de rezarem em voz alta. Além disso, para os ortodoxos, somente os homens podem compor o quórum mínimo de dez



homens judeus adultos para a realização de uma reza, e só eles podem ler a Torá na sinagoga.

Sobre a mulher ortodoxa, usam blusas de manga comprida, saias longas e cobrem o cabelo. Muitas consideram as roupas da moda apertadas e indecentes demais. Acreditam que as mulheres atraem olhares que devem ser reservados aos maridos. Pois isso leva ao pecado e, enquanto houver pecado, o Messias (o salvador para o judaísmo) não pode aparecer. Segundo o sociólogo Tamar El Or, da Universidade Hebraica:

Por décadas, os líderes dos ultraortodoxos não falaram de outra coisa que não a modéstia. Não importa a situação, eles sempre pregam a moralidade para as mulheres. Até as mais devotas precisam ouvir de manhã, de tarde e de noite que elas, com sua feminilidade, levam os homens ao pecado” (citado por SPIEGL, 2012).

O comprimento das saias se tornou um padrão de ouro e cada camada adicional de tecido era vista como uma forma de aproximar a mulher de Deus. "Algumas mulheres começaram a se exceder. É como uma anorexia" (Tamar El Or citado por SPIEGL, 2012). Essa obsessão com usos e costumes mostra que algumas escolhas das mulheres ortodoxas podem se constituir como uma ameaça ao poder de controle de maridos e rabinos.

Voltando para o século dezenove, com o advento da classe média na Europa, muitos judeus sentiram a necessidade de não parecer tão diferente de seus vizinhos, assim, na Alemanha, nasceu o Movimento Reformista, o mais liberal. Essa corrente aceitariam as leis judaicas da Torá, mas repudiam a crença na sua divindade. Afinal as pessoas devem, segundo esse ponto de vista, ter autonomia moral para decidir quais leis têm significado religioso para elas. No judaísmo reformista, o estudo da Torá é estimulado e considerado a fonte principal da tradição judaica, mas o foco maior é nas ações sociais e éticas. Desse modo, ajudar o próximo é um dos princípios do judaísmo com fundamento. As sinagogas reformistas são igualitárias, homens e mulheres sentam-se juntos, e ambos podem ler a Torá na sinagoga, além de que mulheres podem ser ordenadas como rabinas, isto é, líderes religiosas. O Hebrew Union College, reformista, ordenou a primeira mulher, como rabina, em 1973 (LEONE, 2012).

Os judeus que não concordavam inteiramente com a ortodoxia, nem com o Movimento Reformista, criaram o Movimento Conservador, um meio termo entre as duas perspectivas. Este movimento foi criado com objetivo de conservar determinados rituais característicos do Judaísmo, e ao mesmo tempo



realizar algumas reformas necessárias para torná-lo aceitável ao judeu de sua época.

O judaísmo conservador entende que o cumprimento da lei judaica por parte dos judeus é obrigatório, isto é, os judeus têm a obrigação de obedecer a todos os ensinamentos do judaísmo. No entanto, as mulheres estão isentas de cumprir todos os deveres judaicos, o que tornou-se um problema na atualidade, na medida em que um crescente número delas vem buscando igualdade nos cumprimentos de deveres judaicos. Assim, de maneira saudável, o direito judaico sugere que as mulheres podem escolher voluntariamente cumprir esses deveres. Os conservadores defendem que a lei judaica é passível de evolução na medida em que os indivíduos aprendem mais com a interpretação da Torá, e, desse modo, há abertura para novas interpretações da lei judaica. Isso torna o movimento conservador igualitário e inclusivo como o movimento reformista: homens e mulheres sentam-se juntos na sinagoga – pois segundo a interpretação da Torá proposta por eles, no Segundo Templo se construía um balcão de separação temporária em algumas festividades para evitar ações consideradas frívolas entre homens e mulheres. Além de que não há provas literárias nem arqueológicas de seção feminina no Templo, desconstruindo o que afirmam os ortodoxos. Além de não haver separação entre homens e mulheres na sinagoga, as mulheres podem ler a Torá, e podem ser ordenadas como rabinas. Em 1983, o Jewish Theological Seminary, votou uma resolução para aceitar mulheres no rabinato (LEONE, 2012).

Percebo que sempre que surgem novas ideologias dentro do judaísmo insistindo em modificar certas leis e costumes em nome da modernidade, nos deparamos com contradições dentro das próprias doutrinas. Afinal, por que o homem usa *kipá*, *talit*, *tsitsit* (as franjas do *talit* que lembram os 613 mandamentos), *tefilin*, reza numa sinagoga, é chamado à Torá e a mulher para muitos ortodoxos não podem? Afinal, os homens fazem isso para demonstrar sua fé em Deus; e as mulheres não poderiam demonstrar sua fé da mesma forma, se desejarem? Para os conservadores e reformistas sim. Mas os ortodoxos alegam que as leis são expressões da vontade Divina e Sua vontade só pode ser expressa por meio das leis que Ele ensinou na Torá, nas tradições judaicas mantidas por nossos ancestrais até o presente. Assim, porque as mulheres não podem demonstrar sua fé em Deus como quiserem? Segundo os ortodoxos, as leis da Torá são Divinas e, portanto, eternas, não passíveis de mudanças como as leis feitas pelos homens. Assim, colocar *talit* ou *tefilin* numa mulher, para eles, significa pegar um objeto que expressa a vontade Divina e usá-lo contra Sua vontade, pois segundo a interpretação deles, as mulheres não devem fazer estas atividades. Isto, para eles, demonstra que a base de toda essa teoria provém em descrever que



as leis é o alicerce do judaísmo e que os mandamentos são provenientes de Deus, transmitidos no Sinai. Já os conservadores e reformistas fazem outra interpretação da Torá.

A leitura da Torá considerando os tempos atuais, independente da linha que se segue não pode, assim, ser tomada sem considerar texto e contexto. Muitos judeus defendem sua aplicabilidade a todas as situações e em todos os tempos para todos os judeus. De fato, esse texto contém temas relevantes e é dotada de instruções para poder entender os acontecimentos atuais a nível mundial. Mas é necessário abrir mentes para só então interpretá-la para compreender o que nela está escrito para aplicar seus mandamentos. Como no que diz respeito às práticas e aos direitos das mulheres no judaísmo.

Mas afinal quais são os deveres das mulheres no judaísmo? À mulher judia foi dada a principal responsabilidade de manter acesa a chama do judaísmo, pois elas são as responsáveis por educar seus filhos conforme as leis judaicas, garantindo a continuidade do povo judeu, além de manter a santidade da vida conjugal. Assim, o centro do judaísmo não é a sinagoga, mas o lar judaico. Aqui percebo a clara influência da sociedade patriarcal, contribuindo para que as mulheres fiquem no espaço privado, em lugar de submissão, e com menos direitos que os homens. A influência patriarcal também é percebida no fato de a judia estar isenta de deveres que exigem prazo fixo para seu cumprimento, como *talit* e *tefilin* (responsabilidades de extrema importância para os judeus nas rezas diárias), pois a preocupação com essas atividades poderia impedi-las de cumprir seus deveres de forma adequada: transmitir o judaísmo aos filhos e “o cuidado com a pureza familiar”. Assim, o propósito desses regulamentos era evitar que mulheres se responsabilizassem com esses deveres, e se ausentarem do lar, afinal o espaço da mulher na sociedade patriarcal sempre foi esse. Vejo, nessa questão, a influência ainda hoje na ideologia dos ortodoxos e que deveria ser desconstruída, como reformistas e conservadores estão fazendo.

Ao olhar para a história, ao mesmo tempo em que o judaísmo se formou no contexto das sociedades patriarcais do Oriente Médio, onde o sacerdócio e a monarquia eram tarefas masculinas, e a mulher deveria ser mantida por seu marido; a Torá descreve mulheres desempenhando papéis importantes como os das matriarcas, profetisas, juíza, e de rainha (Ester). No Egito, as mulheres iam ao encontro de seus maridos escravizados para construir uma família e educavam seus filhos com todas as dificuldades e perseguições, dentro das mais puras tradições. Segundo sábios, por mérito das mulheres judias o povo judeu existe até hoje. Assim será também pelo mérito delas que seremos redimidos do exílio atual, por intermédio de Messias. Ao ordenar a Moisés que transmitisse a Torá ao povo judeu, Deus lhe pediu que antes dissesse às



mulheres e só depois aos homens, pois elas aceitariam mais facilmente e ainda ajudariam a convencer os homens (GOLDBERG, 2004). O que me faz questionar a forma como os ortodoxos tratam as judias, sendo elas tão importantes para o povo judeu e sem elas os ultraortodoxos não estariam rezando no Muro como fazem hoje.

Os judeus que rezam nesse espaço sagrado parecem, no entanto, esquecer que, se não fossem as mulheres, eles não estariam lá hoje. Há vários episódios na história em que estas mantiveram sua fé em Deus quando os homens não mais a tinham, como quando pediram para ter uma parte nesta Terra (Israel). Assim, encontramos vários episódios em que as mulheres sempre demonstraram, naturalmente, ter mais fé do que os homens. Este é um dos motivos pelo quais os homens receberam mais deveres do que as mulheres; para que sirvam de lembrete de sua fé em Deus. Este também é o simbolismo da *kipá*, que lembra que existe Alguém acima de nossa cabeça. Por isso, as mulheres não precisam desse lembrete. Mas e se elas quiserem usar, por que não?

Encontrei duas narrativas da criação da mulher na Torá. Na primeira (Gn 1,27), a mulher foi criada com o homem, os dois, a imagem de Deus. A eles dois foram dados à tarefa da procriação. Na segunda narrativa (Gn 2, 21-25), é relatado que a mulher foi criada ao lado do homem para ser sua parceira. O texto bíblico declara que o homem é incompleto sem a mulher. Aqui percebo que o pensamento judaico dos tempos bíblicos reconhecia que a condição inferior da mulher não era a vontade de Deus. Assim, outra evidência da importância da mulher judia. De novo, que sem ela os judeus não estariam rezando em Jerusalém hoje.

Voltando para os tempos atuais, escutei um rabino conservador dizer recentemente de que os conservadores têm a Bíblia em uma mão e o jornal na outra. Assim, eles seguem as leis judaicas adaptando-as à atualidade, quando, aceitam, por exemplo, mulheres rezarem no muro, colocarem *kipá*, serem rabinas, lerem a Torá, entre outros direitos não aceitos ainda por muitos ortodoxos.

Atualmente, há crenças em comum entre as três correntes. Como por exemplo, o fato de que todos os movimentos judaicos apoiam e mantêm inúmeras entidades de cunho social, pois o conceito de justiça social é fundamental dentro do povo judeu e considerado uma *mitsvá*, um mandamento. Mas ainda há muitos conflitos e oposições: muitos judeus reformistas e conservadores, que não simpatizam com ideologia dos ortodoxos, entrando em choque, pois os conservadores e reformistas são mais inclusivos, há abertura para o diálogo e respeito à diversidade; já os ortodoxos são mais excludentes, pois seguem à



risca a interpretação que os primeiros judeus fizeram da Bíblia. Isso fez com que eles atirassem pedras nas mulheres que conquistaram o direito de rezar no Muro. O que, a meu ver, faz perderem a razão, afinal um dos mandamentos judaicos é não matar.

Apesar de parecer paradoxal que haja judeus em Israel – um país que foi dirigido por uma mulher, Golda Meir, e onde mulheres são pilotos de caças – tentando provocar a separação dos sexos em público (no Muro, nas eleições, nos ônibus e nas ruas), tudo em nome de uma moralidade supostamente agradável a Deus, até agora, essa tendência tem sido mais notável em redutos ultraortodoxos e em lugares onde moram os israelenses seculares. Isso revela a diversidade de Israel, inclusive, no que diz respeito aos pontos de vista religiosos.

Sobre a separação entre homens e mulheres, apesar de ter sido encontrado que só no século 19 seria obrigatório que sentassem separados, há evidências de que, na história judaica, costumes e leis já foram anuladas, pois a causa pela qual surgiram desapareceu devido a mudanças sociais. Também há escritos que dizem que uma pessoa não deve abolir um costume nem contorná-lo, pois não foram instituídas por nada; mas, se as circunstâncias mudaram em relação ao que havia em épocas anteriores, se pode mudar costumes de acordo com os tempos (GOLDBERG, 2004, p. 19). Os tempos mudaram, essa separação afasta mulheres da sinagoga, e ainda a separação na sinagoga é uma interpretação severa da lei que não tem fundamento.

Concluindo, a prática de separar homens e mulheres é um costume e não uma lei. Além de que se “foi necessário” na Idade Média, hoje, para a sociedade moderna, não há fundamento para que se tenha de rezar separados. Além de que mulheres modernas não se sentem à vontade tendo que sentarem separadas de seus maridos, por exemplo. O Rabino Golinkin (citado por GOLDBERG, 2004, p. 22) diz que já há bastante afastamento nas famílias modernas, e a Sinagoga deve ser um lugar que une as famílias, e não que separa. Aqui eu acrescento que o Muro, e outros espaços públicos, devem ser igualitários para homens e mulheres. Ou seja, há tradições judaicas que se fundamentam no patriarcalismo e não na Torá, portanto, as mulheres judias podem usufruir dos mesmos direitos que os homens, desde rezar no Muro das Lamentações e se tornarem rabinas, além de ter uma convivência igualitária, inclusive em espaço públicos.

Não há sistema jurídico que não admita modificações com o passar do tempo, nem mesmo o direito judaico, que se baseia na Torá. A adaptação da tradição à modernidade é possível olhando-se os exemplos retirados da história judaica,



que sempre perseguiu o ideal de moderação e flexibilidade. O rabino italiano David Prato (1995, citado por GOLDBERG, 2004), um dos grandes rabinos europeus, afirma que: “Aquilo que a sabedoria não modifica o tempo modificará”. Essa sabedoria vale tanto para ajustes nas práticas religiosas quanto para ajustes que elevam a condição humana de mulheres.

***Bruna Krimberg von Muhlen** é Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**** Marlene Neves Strey** é Psicóloga, Doutora e Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e bolsista do CNPq.

Referências

FRANCE PRESSE. Mulheres oram em público pela 1ª vez em frente ao Muro das Lamentações. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/oracao-historica-de-mulheres-no-muro-das-lamentacoes.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

GOLDBERG, Monique S. The Mehitzah in the Synagogue. Trad. Rabbi Diana Villa. Disponível em: <<http://schechter.edu/Page.aspx?ID=436684233>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

KRESCH, Daniela. Mulheres judias lutam pelo direito de rezar no Muro das Lamentações. *O Globo*. Disponível em: <<http://www.psdbrj.org.br/site/blog/blog-da-mulher/2368-mulheres-judias-lutam-pelo-direito-de-rezar-no-muro-das-lamentacoes>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

LEONE, Alexandre. A mulher na tradição judaica. Retirado de <<http://bnei.org.br/blog/2012/09/04/a-mulher-na-tradicao-judaica/>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

SPIEGEL, Der. Judeus ultraortodoxos tem influência crescente em Israel. Disponível em: <<http://www.mundocristao.net/2012/01/judeus-ultraortodoxos-tem-influencia.html>>. Acesso em: 15 jun. 2013.